SOBRE AGENCIAMENTO

Quando se fala de agenciamento, conforme Deleuze e Parnet (1998) referem-se a estar no meio, sobre a linha de encontro. "Encontram-se pessoas (e às vezes sem as conhecer nem jamais tê-las visto), mas também movimentos, idéias, acontecimentos, entidades" (Deleuze & Parnet, 1998, p. 14). Encontro é a arte de compor relações entre os diversos modos de existir, aumentando a potência de ação desses modos (Deleuze, 2002).

Agenciar-se com alguém, com uma coisa, com um animal, com uma máquina, por exemplo, não é trocá-lo, representá-lo ou substituir-se com ele, mas sim, criar algo que não está nem em você nem no outro, mas entre os dois, neste espaço-tempo comum, impessoal e partilhável que todo agenciamento coletivo produz.

Esse plano coletivo e relacional é também o plano de produção de subjetividades. Não no sentido meramente interior ou exterior, em uma lógica dualista, nem mesmo sinônimo de indivíduo, sujeito ou pessoa. Mas sim, partindo da idéia do povoamento de territórios pré-individuais ou pré-pessoais (intensidades, profundidades, movimentos, percepção, sensibilidade) e extra-pessoais ou sociais (maquínicos, econômicos, tecnológicos, ecológicos). O sujeito já não se apresenta mais como um sistema dual unidade-identidade, mas sim, envoltura, fronteira, pele. Ou seja, sua interioridade transborda em contato com o exterior. Assim, substitui-se a lógica do "é" para relacionar-se com a lógica do "e", entendendo a subjetividade pela multiplicidade, indo para além deste isto ou aquilo e pensando mais nos atravessamentos desta relação (Deleuze, 2002).

Desenha-se, como escrevem Domènech et al. (2001), uma subjetividade em movimento e continuamente produzida indo de encontro a uma noção de sujeito essencializado, dotado de uma identidade unitária, privada, estável, de contornos fixos. "E o sujeito seria, portanto, o espaço de conexão ou de montagem, contínua, pré-posição, uma dobra do exterior" (p.122-123). "A subjetivação compreendida como dobra é um processo de agrupação, de agregação, de composição, de disposição ou agenciamento ou arranjamento, de concreção sempre relativa do heterogêneo" (Domènech et al., 2001, p.124).

A figura da dobra serve para nos deslocar das idéias puramente lingüísticas para um universo de fluxos e conexões entre órgãos e objetos ou artefatos, entre seres humanos e espaços, entre sujeitos e locais de consumo, entre instituições, isto é, apresenta-se como um dispositivo de criação de possibilidades de existência. Neste olhar, a linguagem seria outro elemento, entre os muitos que fazem parte dos múltiplos agenciamentos em que estamos implicados.

Sendo assim, podemos entender que vivemos em um capitalismo diferente de outros tempos, visto que ele se caracteriza por ser informacional, global e em rede, isto é, se apresenta com estruturas abertas capazes de expansão ilimitada, é fonte de reorganização das estruturas de poder. Uma das táticas do capitalismo é trazer à tona um estado de crise permanente, criando necessidades vitais a todo instante e mundos para consumirmos, apresentando-se como um instrumento de dominação e de controle social. O poder capitalístico[5] torna-se mais eficaz à medida que as coisas se desarranjam (Silva, Rosane 2005).

Esta crise não se limita mais ao campo de uma economia política, mas, inclusive, ao campo de uma economia subjetiva. Criam-se mecanismos de sujeição da subjetividade no interior de uma combinação complexa de técnicas de individualização e de procedimentos de totalização.

Não se trata mais de conhecer o significado do consumo na vida das pessoas e para as pessoas, nem se trata de saber o que conota ou o que denota. O problema é, antes, *com quê* se conecta, *em quê* multiplicidades se implica e se alia o consumo.

Nessa cartografia do consumo e da subjetividade contemporânea, é necessário que façamos à pergunta: *entre* onde o sujeito está? E, não simplesmente, onde o sujeito começa e termina? Compreender os processos de subjetivação como ensaio, que busca produzir modos de existência inéditos. A unidade da experiência é polifônica, composta de múltiplas vozes. "Não é a distinção dos sujeitos que explica o discurso indireto; é o agenciamento, tal como surge livremente nesses discursos, que explica todas as vozes presentes em uma voz" (Deleuze & Guattari, 1997, p. 13).

Assim, dizemos que nunca o capital penetrou tão fundo e tão profundo no corpo e na alma. Ao mesmo tempo, a própria vida tornou-se uma fonte primordial e de valor no capitalismo. O próprio conceito de vida passa a adquirir um sentido amplo, de puro acontecimento, para além do biológico. Pulveriza-se, hibridiza-se, dissemina-se, alastra-se, totaliza-se, num sentido de poder afetar e ser afetado. Passa a unir palavras como singularidade, expressão, maneira de vestir, de morar, de gesticular, de protestar, de

rebelar-se. E essa potência da vida no contexto contemporâneo equivale à biopotência da multidão (Pelbart, 2003). Nesse sentido, a vida não pode ser reduzida a um sentido único, mas deve ser submetida a um rizoma[6] material e imaterial, seja ele biopsíquico, tecno-social, semiótico, fazendo parte de um complexo agenciamento.

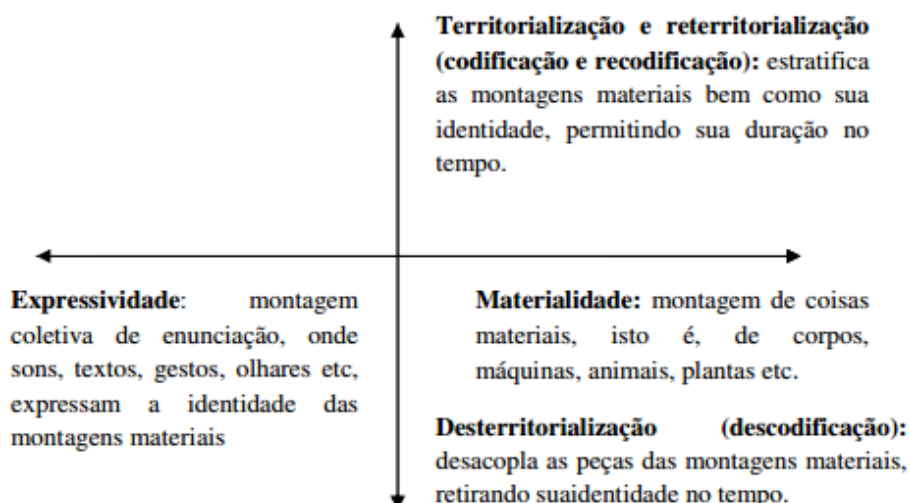
Retomamos a questão feita anteriormente: *entre* onde o sujeito está, nesse mercado globalizado: de artigos de primeira necessidade, sempre novos e sempre outros, à comportamentos para qualquer situação? Podemos dizer que através das coisas que realiza, da maneira como se veste, como fala, como vê, como pensa, como percebe, como compra, o sujeito se performa, mediante a reiteração destes atos. É uma repetição exaustiva de quem somos, até que sejamos, por isso, reconhecidos. E é nesse emaranhado de relações e performances que ele se encontra. Assim, um dos atos principais e reiterativos, em nossa sociedade atual, é o consumo. Passa a ser problematizado, então, como um ato de consumir-performativo. O que nos permite entender com isso? Que a própria emoção, nesse movimento, também se performa, sendo assim, a emoção passa a ser o próprio consumo.

O diagrama abaixo foi extraído do texto: ***"A ontologia neomaterialista de Deleuze e Guattari como fundamento para a nova economia evolucionária"*** de Emmanoel de Oliveira Boff

2.2 A Ontologia Social De Deleuze e Guattari

Quais seriam as implicações da visão de mundo brevemente delimitada acima para o estudo das sociedades humanas?

Para nosso objetivo aqui, será suficiente tomar a ideia atrás da teoria dos agenciamentos ou das montagens. Deleuze e Guattari já falavam de montagens em "O Anti Édipo" (1972), mas elaboram com mais rigor uma definição no segundo volume de "Mil Platôs" (1980).

Como poderíamos analisar as sociedades humanas na forma de montagens ou agenciamentos? De modo geral, o quadro abaixo pode explicar o que se trata:

(UFF)*

Urbanismo, arquitetura, agenciamento, mapa

Na arquitetura, é quase a mesma coisa, parâmetros tecnológico-construtivos, dimensionais e geométricos combinados ensejam ou engendram qualidades, condições, programas e atividades: espaços e acontecimentos. Na cidade e, logo, no urbanismo, isso se fará (segundo a idéia central deste ensaio) pelos graus de imbricação das instâncias de estrutura, de forma e de paisagem: cruzamento da combinação de escalas (fluxos e relações), da combinação de estratos (afecções) e da combinação de imagens (percepções). Por essa via, talvez se possa ver a cidade e o urbanismo – como também a arquitetura, a música e a metalurgia – efetuar (e funcionar por) linhas que se cruzam, se bloqueiam, fixam, deslizam ou fogem, ao mesmo tempo, pressupondo e constituindo agenciamentos. Segue que se pode imaginar os

agenciamentos urbanísticos, não de forma restritiva, tomados em si, mas como linhas que se articulam, desdobram e transformam em outras. À semelhança da música e da metalurgia, mas com seu “tempo” próprio, o urbanismo (como a cidade e o território e a arquitetura) constitui cadeias de variáveis relacionadas entre si. Isto tem implicações: a estrutura, a forma e a paisagem (como os parâmetros musicais ou os componentes metalúrgicos) não são universais, mas designam modos, processos singulares de unificação, de totalização, de verificação, de objetivação, de subjetivação: processos imanentes a um dado dispositivo ou agenciamento. E como diz Deleuze: do dispositivo de Foucault (como se fora sua própria conceituação de agenciamento): “Então é preciso desemaranhar as linhas, e, em cada caso, traçar um mapa, cartografar [...]. É preciso instalarmo-nos sobre as próprias linhas, que não se contentam apenas em compor um dispositivo, mas atravessam-no, arrastam-no, de norte a sul, de leste a oeste ou em diagonal”. Assim é que, “as diferentes linhas de um dispositivo repartem-se em dois grupos: linhas de estratificação ou de sedimentação, linhas de atualização ou de criatividade”.

Variação, produtividade, proliferação. Dobras e segmentações. Daí a idéia de máquinas e mapas: já se viu, o que Deleuze chama de mapa ou diagrama, “é um conjunto de linhas diversas funcionando ao mesmo tempo, como as linhas da mão” (20). Elas seriam os elementos constitutivos das coisas e dos acontecimentos; “por isso cada coisa tem sua geografia, sua cartografia, seu diagrama”. Não representação, interpretação ou significância (e tampouco contradições e oposições binárias, derivadas das relações biunívocas causa/efeito, significante/significado, infra-estrutura/superestrutura, forma/função). Mas mapas, linhas contínuas, quebradas, em *zig-zag*. E, por elas, segmentos estabilizados e planos de agenciamento maquinados, implicando, como dois lados de uma moeda, códigos e modos de organização e de desenvolvimento estratificados (com seus territórios-escalas próprios), e vetores de desterritorialização e descodificação correlativos; esses vetores, as máquinas sociais – técnicas e semióticas ao mesmo tempo – os operam, pelas pontas da diferença, constituindo devires: individuação (21).

Daí de que adiantaria dizer que o urbanismo, a arquitetura (como a metalurgia de Deleuze) são uma ciência porque descobrem leis constantes: eles são sobretudo “indissociáveis de diversas linhas de variação; variação de qualidades que tornam possível tal ou qual operação, ou decorrem de tal ou qual operação” (22). Seja como for, não há outra saída, senão traçar linhas: toda uma cartografia de coisas, funções e planos que se cruzam, se conjugam, se afastam. E indagar em que medida, por quais movimentos e com que variáveis essa cartografia na contemporaneidade escapa (pode escapar) à opção do enunciado dominante, mas sempre excludente e redutor, que, como propõe Zourabachvili (23), se fez na modernidade pela:

- pela retilinearidade de um progresso técnico ou social,
- pela verticalidade genealógica das fundações,
- ou pela seqüencialidade e superficialidade das imagens líquidas, dos discursos e das linguagens midiáticas.

Extraído de: http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/07.082/261

SEGUE OUTROS TRECHOS E TEXTOs SOBRE AGENCIAMENTO

Agenciamento

http://escolanomade.org/pensadores-textos-e-videos/fuganti-luiz/agenciamento

O VOCABULÁRIO DE DELEUZE – Agenciamento p.08

http://claudioulpiano.org.br.s87743.gridserver.com/wp-content/uploads/2010/05/deleuze-vocabulario-francois-zourabichvili1.pdf

O agenciamento (Gilles Deleuze)

http://agenciamentocoletivo.blogspot.com.br/2011/06/o-agenciamento-gilles-deleuze.html